

AS MARCAS DO CAPITALISMO NO MEIO RURAL NO MUNICÍPIO DE MARAU – RS

Andrei Carlesso¹

Allana Antunes Perin²

Ana Maria Sanches³

Resumo

O avanço da globalização, aliada ao acelerado processo de expansão do capitalismo, participa de forma direta nas alterações socioespaciais. Neste trabalho, pretendemos identificar e analisar os processos relacionados a este fenômeno no meio rural do território do município de Marau, localizado no planalto médio do Rio Grande do Sul (RS) e inserido da Mesorregião Noroeste. Marau (RS) tem cerca de 36.000 habitantes (IBGE, 2010) e sua economia é historicamente baseada na produção de bens agropecuários, característica comum aos municípios dessa mesorregião. Pretende-se aqui identificar os estudos já realizados sobre a região, investigar dados regionais existentes nos bancos de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e construir uma metodologia de coletas de informações de campo para o (re)conhecimento da localidade de fenômenos inerentes ao processo de globalização.

Palavras-chave: Globalização, Agropecuária, Marau.

Introdução

Para entendermos os fenômenos que modificam a agricultura e pecuária e suas relações com a sociedade, é necessário levar em conta o processo histórico que envolve esta última. Logo, é fundamental entender os fatores que contribuíram para a modificação e utilização de novos métodos de produção mais rentáveis. Limitaremos nosso trabalho a entender os fenômenos mais “recentes” que atuam nesse meio. Mais precisamente desde a Primeira Guerra Mundial até a atualidade. Fazendo um comparativo entre a escala territorial do município referido e a escala mundial.

Pode-se dizer que muitos agentes influenciaram na alteração da produção agropecuária ao longo do tempo. Assim, a complexidade dos fenômenos que envolvem a globalização se expandem continuamente dentro do processo histórico, e é com base nessa complexidade que pretende-se aqui apontar alguns fenômenos que têm participação direta no município de Marau.

¹ Universidade de Passo Fundo - andrei.carlesso@hotmail.com

² Universidade de Passo Fundo – allanaaperin@gmail.com

³ Universidade de Passo Fundo – anasanches@upf.br

O município de Marau localiza-se no planalto médio do Rio Grande do Sul (RS) e faz parte da Mesorregião Noroeste. Marau (RS) tem cerca de 36.000 habitantes (IBGE, 2010) e sua economia é historicamente baseada na produção de bens agropecuários, característica comum aos municípios dessa mesorregião, mas destaca-se também a indústria, que é voltada ao meio rural.



Figura 1 - Mapa de localização do município de Marau no Estado do Rio Grande do Sul. Fonte: Câmara Municipal de vereadores de Marau.

Metodologia

A metodologia utilizada baseia-se em registros bibliográficos que tratam da temática proposta, disponíveis em meio digital ou em publicações impressas encontradas nas bibliotecas do município, de nossa instituição de ensino (UPF) e também em acervos pessoais, os quais compõem as justificativas teóricas para acontecimentos relatados e estarão indicadas ao longo dos resultados e discussões finais. Pequenos relatos de moradores do município que participam ativamente das atividades rurais e industriais também foram empregados nesta busca do entendimento dos fenômenos.

Os dados quantitativos foram coletados do banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de outras instituições como a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e a partir deles foram confeccionadas tabelas e gráficos que nos auxiliarão nos esclarecimentos.

É importante ressaltar que não cabe a este trabalho ignorar a importância da totalidade dos fenômenos, mas sim recorrer ao essencial, ao que influenciou diretamente a modificação da produção agropecuária ao longo do tempo.

Resultados

Seguem abaixo, na forma de gráficos e tabelas os dados quantitativos catalogados durante a pesquisa:

EVOLUÇÃO QUANTITATIVA DA POPULAÇÃO MARAUENSE			
Ano	População Total	Rural/Urbana	Percentual
1980	26.982	Rural: 17.274	64
		Urbana: 9.744	36
1991	25.167	Rural: 9.316	37
		Urbana: 15.851	63
2000	28.358	Rural: 5.510	19,43
		Urbana: 22.853	20,57
2010	36.362	Rural: 4.804	13,02
		Urbana: 31.561	86,02

Tabela 1 - Evolução Quantitativa da população Marauense.

Fonte: Censo demográfico 1980, 1991, 2000 e 2010 – IBGE.

PRODUÇÃO PECUÁRIA DO MUNICÍPIO DE MARAU (número de cabeças)				
Ano	Bovinos	Suínos	Galináceos	Outros
1996	24.677	21.840	1.742.662	1.990
2006	19.754	12.100	4.072.906	2.299
2015	20.494	20.671	2.523.300	2.831

Tabela 2 - Produção pecuária do município de Marau – RS. Fonte: Censo Agropecuário 1996, 2006 e 2015 – IBGE.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DE MARAU									
Lavoura Temporária – Principais Produtos									
Produto	Soja			Milho			Trigo		
Ano	1996	2006	2015	1996	2006	2015	1996	2006	2015
Área Colhida (ha)	20.000	32.500	39.000	8.374	7.000	1.000	2.000	6.000	3.500
Quantidade Produzida (Ton)	30.000	70.200	147.420	15.073	33.600	8.700	4.200	16.200	5.250
Rendimento Médio (Kg/Ha)	1.500	2.160	3.780	1.799	4.800	8.700	2.100	2.700	1.500
Valor da Produção (%)	61,31	58,90	92,47	18,02	15,49	2,16	5,16	14,31	1,79

Tabela 3 - Produção agrícola temporária – principais produtos - do município de Marau - RS. Fonte: Censo Agropecuário 1996, 2006 e 2015 – IBGE.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DE MARAU						
Produto	LAVOURA TEMPORÁRIA SECUNDÁRIA			LAVOURA PERMANENTE		
	1996	2006	2015	1996	2006	2015
Área Colhida (ha)	2.579	3.997	6.687	280	268	158
Quantidade Produzida (Ton)	7.686	13.450	13.075	7.200	3.210	2.281
Rendimento Médio (Kg/Ha)	91.085	143.540	182.630	603.250	117.000	84.000
Valor da Produção (%)	15,33	11,09	3,58	-	-	-

Tabela 4 - Produção agrícola permanente do município de Marau – RS. Fonte: Censo agropecuário 1996, 2006 e 2015 – IBGE.

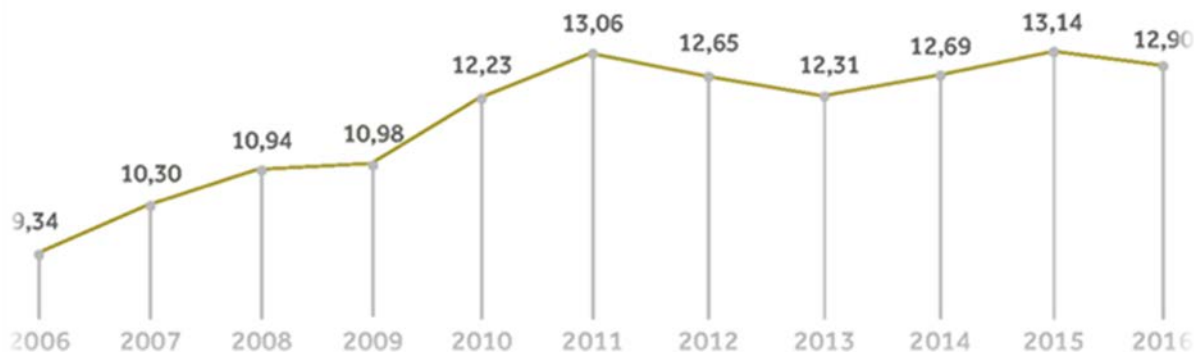


Figura 2 - Produção brasileira de carne de frango em mil toneladas. Fonte: ABPA, 2017.

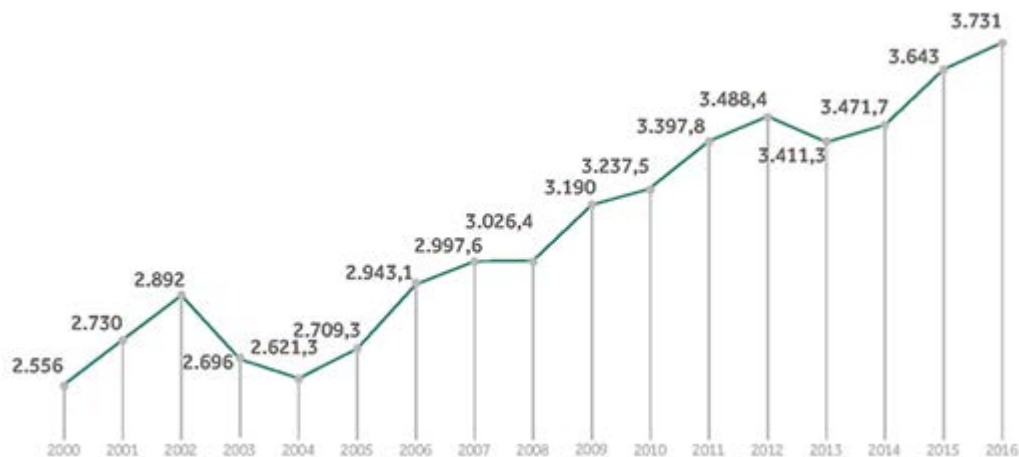


Figura 3 - Produção brasileira de carne suína em mil de toneladas. Fonte: ABPA, 2017.

Discussão

A modernização agropecuária mundial

Antes de direcionar o enfoque à dinâmica capitalista atual do agronegócio no município de Marau, é fundamental entender modernização agropecuária ocorrida em séculos anteriores e que abrange uma escala mundial.

A motomecanização ou mecanização agrícola, ganhou força no cenário mundial mais precisamente entre as duas grandes guerras mundiais. Porém foi após a Segunda Grande Guerra que a mecanização realmente se intensificou, Mazoyer e Roudart (2010) dizem que

A motomecanização agrícola começou a se desenvolver entre as duas guerras mundiais nos grandes espaços das colônias de povoamento europeu estabelecidas em diferentes regiões temperadas do mundo (Estados Unidos, Canadá, Austrália, Argentina...) e, em menor escala, nas regiões de grande cultura da Europa. Mas, é preciso destacar que, em 1945, a tração animal era ainda predominante na maior parte dos países industrializados, e a motomecanização só se expandiu verdadeiramente no conjunto desses países depois da Segunda Guerra Mundial (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 426, grifo nosso).

Assim, os avanços tecnológicos rurais foram altamente perceptíveis a partir da segunda metade do século XX, com o fim da Segunda Guerra Mundial e início das disputas entre os Estados Unidos e União Soviética que resultaram na Guerra Fria. Esta última foi um dos fatores determinantes neste sentido, de maneira que as tecnologias que antes eram utilizadas para fins bélicos, acabaram por suprir posteriormente as necessidades que o homem encontrava em seu cotidiano. Entre essas necessidades, encontrava-se também, a ânsia por uma produção ainda maior no setor agrícola.

A exemplo disso a partir da Segunda Guerra Mundial, principalmente nos Estados Unidos, temos a implementação do uso de agrotóxicos na agricultura, no período em questão o país passou a ser abastecido por indústrias químicas que antes o auxiliavam de maneira bélica. O uso de agrotóxicos como: herbicidas, fungicidas, inseticidas e fertilizantes químicos na produção agrícola, visava justamente um melhor aproveitamento dos grãos com o controle de fungos, insetos e ervas daninhas que eram fortes ameaças para a produção. Cabe ainda destacar a adoção do uso de tratores e colheitadeiras neste período, que contribuíam desde o plantio até a colheita (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 45 apud ROSA, 1998).

A modernização da agricultura permitiu que houvessem diversos impactos no âmbito ambiental, que o modificaram e muitas vezes até o corromperam em termos de qualidade. Antes da expansão do agronegócio a agricultura extensiva predominava, a forma de produção era a de agricultura familiar baseada na subsistência, constituída por ferramentas manuais e a inexistência de insumos que degradassem e poluíssem os ecossistemas. Hoje o avanço acelerado da globalização permite a evolução descontrolada de tecnologias e técnicas voltadas à produção em larga escala, onde o produtivismo visa predominante os fins lucrativos. Tal produção, baseia-se

em monoculturas que comprometem a natureza pelo forte uso de agrotóxicos, inseticidas, herbicidas, entre outros.

Este comprometimento da natureza é abastecido pelo uso inadequado do solo, que por sua vez afeta a própria capacidade produtiva e favorece a sua degradação. O manejo, conservação e recuperação dos recursos naturais atingem o mundo todo. A busca por formas racionais de produção ocorre justamente pela necessidade de preservação e recuperação do meio ambiente, altamente afetado pelos fatores já mencionados anteriormente (BALSAN, 2006, p. 125).

Ainda no sentido da modernização agrícola de produção e através da lógica capitalista onde se visa o lucro como prioridade, perde-se cada vez mais a relação homem/natureza, bem como as relações entre o próprio ser humano. O que explica estes fatos são os grandes conflitos que a globalização tem gerado no campo ao longo do tempo, onde os grandes donos de propriedades rurais dão a agricultura um sentido individualista, onde deixam de lado a mão de obra humana e a produção é feita a partir de maquinários. Com o avanço acelerado da mão de obra mecanizada perde-se cada vez mais o sentido destas relações. Ao referir-se a tais relações, Carvalho (2013) diz:

[...] os povos laboriosos do campo – como a massa de camponeses, os ribeirinhos, os extrativistas, os quilombolas e os povos indígenas camponeizados – são mal vistos pelos empresários do agronegócio, não apenas porque diferentes dos capitalistas, mas, sobretudo, por considerarem como o centro das suas racionalidades e emoções a reprodução social da família e não o lucro; por serem persistentes e duradouros no seu modo distinto de produção, de extrativismo e de viver; por desfrutarem uma relação amorosa com a natureza (CARVALHO, 2013, p. 32).

Essas modificações ocorridas no campo permitiram um avanço das tecnologias para que a produção agrícola fosse cada vez maior, onde buscou-se ao longo do tempo, uma automação cada vez mais constante. O que se concretizou com o avanço do capitalismo na segunda metade do século XX através da globalização, e que reflete na mudança dos aspectos gerais que eram encontrados no meio agrícola antes desse período. Esses aspectos englobam e estão naturalmente inseridos na análise da área proposta por este trabalho. Tudo isso advém do processo de globalização e modifica também as relações de trabalho neste período em todos os setores da economia, antes bastante manuais e agora mecanizadas.

Cabe ainda destacar o uso da biotecnologia, definida por BOREN, FINARDI e VASCONSELOS (2006) como

[...] a interferência controlada e intencional do DNA (ácido desoxirribonucléico), o código da “construção biológica” de cada ser vivo. Isso significa que os cientistas podem inserir genes de interesse específico em qualquer organismo ou mesmo retirá-los. Por esse motivo, diz-se alimento geneticamente modificado, transgênico ou de DNA recombinante.

Essa tecnologia que surge na década de 1970 pode tanto ser utilizada para o melhoramento de plantas, potencializando sua produção, quanto para o melhoramento de animais, selecionando características genéticas que modifiquem sua carcaça de acordo com o que pede o mercado.

Globalização

A globalização em si se dá pela facilidade nos transportes e na comunicação que faz o mundo todo estar interligado por espécies de redes imaginárias (ABÍLIO), modificando sistemas de trocas, de trabalho e de acesso aos mais diversos tipos de produtos. Assim, a exportação e a importação são os processos responsáveis pelo impulso de se criar ou cultivar algo em grande escala em locais onde estes sejam lucrativos e de acordo com a realidade rural, criando assim também indústrias multinacionais nos urbanos destas localidades, ligando as duas realidades numa paralela do desenvolvimento. É nesse processo que a modernização da agropecuária se faz presente para que a produção anteriormente de subsistência dê espaço a nova realidade da produção global (LIMA, p. 38)

O que nos dizem sobre Marau

Como uma tradicional cidade de colonização italiana, o município de Marau teve seu início baseado na chegada de imigrantes italianos, que expulsaram os indígenas presentes nestas terras e as transformaram em áreas de alta produtividade e em povoados prósperos que foram crescendo instantaneamente (AGUIRRE, 2009, p. 19). Essa mesma autora atribui o rápido desenvolvimento deste povoado ao fato de seus colonizadores serem já da segunda, e por vezes até terceira, geração dos que vieram de fato da Itália, então já conheciam o modo de trabalho e de cultivo adequados à esse local.

Até 1960 a atividade econômica predominante era a agricultura para subsistência das famílias e a criação de algumas cabeças suínas para a comercialização com o já consolidado

Frigorífico Borella (AGUIRRE, 2009, p. 20) que se instalou no município na década de 1920 e permaneceu com a produção quase que artesanal de derivados da carcaça suína, como o salame, banha e cortes *in natura* até 1985 quando em crise, foi vendido ao grupo Perdigão, o qual mudará o destino desta empresa e do município como um todo, pois embora muito bem vistos até em São Paulo, os produtos do Borella visavam apenas o mercado interno e sua produção era pequena, assim como as criações no meio rural, que além de pequenas, eram feitas sem controle nenhum de qualidade. AGUIRRE (2009, p. 66) e PERIN⁴.

Com a chegada do Grupo Perdigão as relações de trabalho do urbano com a indústria e do rural com a mesma começaram a ser modificadas drasticamente, pois com ela veio o início da produção para exportação e então o maior controle por qualidade e para aumento da produção. Deste momento histórico até os dias atuais as alterações voltadas para este fim estão constantemente modificando o sistema de produção (FEDERIZZI, 2015, p. 26). Também, essa nova roupagem do Frigorífico Borella traz a Marau o início da criação de aves, também voltada para mercado externo e com o sistema de integração⁵ que alcança também a criação de suínos devido a que a empresa agora precisa garantir a qualidade e a quantidade de animais para abate (PERIN)⁶. Além disso, exigências como energia elétrica nas propriedades e melhores condições das estradas rurais que agora se fazem presentes só vieram a contribuir com o rural do município.

Com o sistema de integração a empresa instala em Marau uma fábrica de ração em 1997, “a mais moderna da América Latina” (FEDERIZZI), e uma unidade de esmagamento para produção de óleo vegetal, as quais abriram mercado para o também em processo de expansão, cultivo de cereais, que já andava a passos de produção em grande escala.

Hoje a Perdigão se chama BRF S/A e é o terceiro maior grupo em abate de aves do mundo e está entre os 10 maiores em abate de suínos (FEDERIZZI, 2015, p. 27) e é o grande atrativo empregatício do setor urbano de Marau com quase 2.000 empregos diretos na indústria, mas além dela, apresenta outras cujo objetivo é o setor agrícola, como a GSI que produz equipamentos e o Fuga Couros que beneficia um produto excedente do abate de animais (couro), além da METASA que tem o enfoque na metalurgia.

⁴ Relato verbal de Olindo Perin, criador de suínos nesta época.

⁵ Sistema de integração: quando a empresa fornece todos os produtos necessários para a criação dos animais, desde filhotes até assistência técnica e ainda garante a compra dos animais no final do lote. O proprietário rural constrói o galpão com a estrutura de acordo com o que a empresa exige e presta o serviço de criação dos animais.

⁶ Relato verbal de Daniel Perin, atual criador de suínos.

Em seu livro *“Marau 1916 – 2016: Cem fatos que marcam seu centenário político”* BERNARDI também apresenta a criação do frigorífico Borella como o quinto fator de maior importância para a consolidação do município (p. 15). Depois dele ainda são elencados a criação de uma usina hidrelétrica no Rio Marau, que produzia a energia que alimentava o frigorífico (p. 17), a fundação do jornal *“O Salame”* que era o meio de comunicação entre a indústria e o povo, já que era editado e impresso no escritório da mesma e foi um importante meio de divulgação de ideias emancipacionistas (p. 33), a instalação da ASCAR/EMATER também com atividades voltadas para a criação suína (p. 66), a revolução verde (p. 69), a chegada de bancos como o Banrisul, como meio facilitador de acesso ao crédito para a realização de melhorias nas propriedades (p. 67) e ainda as transformações do Frigorífico Borella ao longo do tempo e os benefícios do mesmo para a população, como a criação de loteamentos populares e o início da preocupação com a educação infantil para os filhos de mães operárias (p. 88 e 89). Confirmando então que a criação de suínos foi sim o alicerce onde se firmou a cidade de Marau.

Conclusões

Inicialmente cabe deixar claro o quão importante foi a atividade de criação de suínos para o desenvolvimento do município, uma vez que toda a bibliografia encontrada se remete a esse fato e toda a dinâmica festiva tradicional do município remete sempre ao “salame” com o Festival Nacional do Salame criado em 2010 com o apoio da Rota das Salamarias, rota turística rural criada em 2008 que também faz referência ao produto e a sempre presente Festa Italiana que ocorre todos os anos envolvendo a população numa programação bastante variada durante 1 mês de atividades. A linearidade de avanços nesse sistema já tratada anteriormente apenas confirma o poder do processo de globalização mesmo em uma cidade pequena do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido ao analisarmos os dados a nível municipal e compararmos aos de nível nacional podemos confirmar que a linha de criação marauense de suínos se manteve em crescimento como indica o cenário nacional, muito embora esta mesma comparação nos mostre o domínio das aves nesse quadro de criação, mesmo com alta queda entre os anos de 2006 e 2015 talvez causada pelo ainda presente (em 2015) impacto da divulgação midiática “gripe aviária” que afetou diretamente a produção. Nas propriedades do município atualmente o que realmente predomina é a criação de aves, justificada pela menor necessidade de mão de obra no processo

de criação pela possibilidade de automação do sistema e pelo retorno mais rápido financeiro, já que os lotes de frangos variam de 30 a 35 dias e os de suínos ultrapassam os 120 dias. Também, recentemente a unidade de Marau encerrou as atividades de abate para expandir a de beneficiamento da carne suína, então a empresa, primando pelo bem-estar animal está incentivando a criação de aves, já que as unidades de abate suíno mais próximas se localizam em Concórdia - SC ou em Lajeado – RS, que são bastante distantes para o trânsito com animais (PREIN)⁷.

Menos influente mas com valores também importantes temos a criação de gado, leiteiro, que pode ser verificada com um grande decréscimo nos dados do censo agropecuário de 2015 comparado ao de 1996, mesmo a atividade tendo apresentado uma pequena elevação na década entre 2006 e 2015. Isso se atribui ao fato de inicialmente a atividade ser regida por uma cooperativa local o que facilitava as negociações de produtos e de assistência, porém não haviam controles de qualidade e nem financeiro, o que levou a mesma a falência. A dinâmica foi assumida por outra cooperativa, com sede no município de Nova Petrópolis, também no Rio Grande do Sul, mas alguns produtores mais tradicionais acabaram abandonando a atividade por esse fato. Também, essa nova administração exigia maior qualidade no produto, muitas vezes exigindo investimentos financeiros na estrutura da propriedade, e onde a atividade era secundária não valeria a pena o investimento (PERIN)⁸ e este foi direcionada para a atividade principal, que é a criação de aves ou a lavoura. Quem aceitou o desafio do investimento hoje não se arrepende com o retorno obtido, mas a atividade precisou se reestruturar e obter patamar de atividade principal. “Não podemos apenas ‘tirar’ leite, temos que ‘produzir’ leite” (ANDREOLLA)⁹.

No cenário agrícola a predominância da soja é inquestionável. Embora em questão de rendimentos os cultivos alternativos deem maiores resultados, como o tomate e a fruticultura, a facilidade no manejo da cultura da soja e a certeza do mercado para venda fazem dela a maior moeda comercial do município. Cereais como o milho e o trigo ainda aparecem nos campos marauenses e na tabela de dados do IBGE, mas não são comparativos em ganhos e em áreas cultivadas. Todo o mercado agrícola hoje se volta para ela, desde as biotecnologias, até as tecnologias de maquinários (FIOR)¹⁰, os cursos de formação oferecidos na região para assistência

⁷ Relato verbal de Daniel Perin, atual criador de suínos.

⁸ Relato verbal de Julcemar Perin, ex criador de gado leiteiro.

⁹ Relato verbal de Nairane Andreolla, criadora de gado leiteiro.

¹⁰ Relato verbal de Felipe Fior, agricultor altamente tecnológico em sua propriedade cuja única planta cultivada é a soja.

técnica a campo e em pesquisas, tudo isso para aumentar ainda mais o potencial produtivo desse cereal e diminuir cada vez mais a mão de obra do trabalhador rural. Hoje, um agricultor sozinho consegue, com o auxílio apenas de um motorista, cultivar em torno de 250 ha¹¹ de terras mecanizadas, muito diferente do que ocorria quando o processo era manual.

Diante disso já se pode justificar o motivo pelo qual a população rural diminuiu, a chegada dos produtos da globalização diminuiu a necessidade de mão de obra no campo e embora tenha aumentado o lucro, podendo mesmo assim sustentar mais pessoas de uma mesma família a alternativa buscada foi apenas 1 filho seguir a atividade dos pais e o restante ir para a cidade abastecer as indústrias, que estava sedenta por trabalhadores.

Ao final de tudo, confirma-se que a evolução agrícola e urbana de Marau se deve ao processo de globalização, advento do sistema capitalista, e que embora apresente falhas, fez de Marau uma localidade bastante próspera.

Referências

ABÍLIO, M. I. R. *Globalização: características mais importantes*. FSMA. Disponível em: <http://fsma.edu.br/visoes/ed03/3ed_artigo1.pdf>. Acesso em: 9 set. 2017.

ANDRADES, T. O.; GANIMI, R. N. Revolução verde e a apropriação capitalista. In: CES REVISTA, v. 21, 2007, Juiz de Fora. *Anais eletrônicos...* Juiz de fora: CES/JF, 2007. Disponível em: < https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2017.

AGUIRRE, Eliane. *Sim ou Não: A luta política pela emancipação do município de Marau e as disputas pelo poder*. Marau: Faculdade da Associação Brasiliense de Educação, 2009. Páginas: 16 – 67.

BALSAN, Rosane. *Impactos Decorrentes da Modernização da Agricultura Brasileira*. CAMPO TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária, v.1, n.2, p. 125, 2006.

BERNARDI, Francisco. 1916 - Marau - 2016: *Cem fatos que marcam seu centenário político*. Passo Fundo: Berthier, 2015. Páginas 15, 17, 33, 66, 67, 88 e 89.

BERNARDI, Francisco. *História de Marau: Uma comunidade laboriosa*. Marau: Prefeitura Municipal de Marau, 1992.

CARVALHO, H. M. D. *A expansão do capitalismo no campo e a desnacionalização do agrário no Brasil*. Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária - ABRA, Brasília, jul. 2013. p. 32.

¹¹ Hectare: medida de terra utilizada para agrimensura de terras agrícolas que equivale a 10.000m².

FEDERIZZI, R. B.; WOHLFART, J. A. Salame: *uma história de sucesso em Marau*. Passo Fundo: Berthier, 2015. Páginas 22 - 27.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agropecuário, 1996, 2006 e 2015. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico, 1980, 1991, 2000 e 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

KARAM, E. M. C. Raízes da colonização: *em destaque a colônia Guaporé e município de Dois Lajeados*. Porto Alegre: CORAG, 1992.

LIMA, A. M. S. DE. *Os impactos da globalização no mundo do trabalho*. In: Terra e Cultura, Ano XX, N° 39. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/39/Terra%20e%20Cultura_39-.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. História das agriculturas no mundo: *Do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: UNESP, 2010.